

## Introdução

*Tribu, ergo nobis verborum  
significationem, intelligentiae lumen,  
dictorum honorem, veritatis fidem.*

Concede-nos, pois, o sentido das  
palavras, a luz do entendimento, a  
nobreza de expressão e a fé  
na verdade.

Hilário de Poitiers, c. 300-c. 368<sup>1</sup>

Aqueles que semanalmente ocupam-se do púlpito lidam com “a incrível suposição de que textos que provavelmente têm entre 3 mil e 2 mil anos de idade possam servir de orientação para descobrirmos a verdade no terceiro milênio”.<sup>2</sup> A tarefa da pessoa que trabalha com a homilética não é fácil: toda semana, essa alma destemida tem de efetuar a temível transposição do texto antigo para os ouvintes de hoje para explicar com autoridade e relevância uma determinada passagem bíblica para os cristãos.<sup>3</sup> O objetivo deste trabalho é criar uma ponte que transponha essas águas, valendo-se de conceitos valiosos advindos da hermenêutica e da teologia.<sup>4</sup>

A Bíblia afirma que “tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito” (Rm 15.4). De que modo exatamente “nosso ensino” é realizado é

1 *De Trinitatis*, 1.38.13–14.

2 Christoph Schwöbel, “The preacher’s art: Preaching theologically”, em Colin Gunton, *Theology through preaching* (Edimburgo: T. & T. Clark, 2001), 7.

3 James D. Smart, *The strange silence of the Bible in the church: A study in hermeneutics* (Londres: SCM, 1970), 33–34, chama isso de “um caminho perigoso”.

4 Embora esta obra situe-se no contexto da atividade da pregação, a pergunta que busca responder é pertinente a qualquer contexto da interpretação bíblica que pretenda culminar com a aplicação: estudo bíblico em grupos, classes da Escola Bíblica Dominical, ou mesmo a leitura individual da Escritura.



## O texto primeiro

uma questão que ainda não foi satisfatoriamente elucidada. O desafio de transpor a lacuna existente entre um texto antigo e um público contemporâneo, que são entidades culturalmente condicionadas, é, sem dúvida, uma tarefa árdua. Num dos lados dessa lacuna está a entidade histórica do texto; no outro, a situação existencial do povo de Deus, a quem o púlpito se dirige. Sandra Schneiders admite ser realmente uma “questão desconcertante” a maneira como essas duas coisas se unem na interpretação do texto.<sup>5</sup> Stanley Porter concorda: “A passagem do texto original da Escritura, com todo o seu caráter de circunscrição temporal, para as verdades teológicas que se aplicam à vida de hoje é uma das tarefas intelectuais mais exigentes que se possa imaginar” – uma tarefa que desafia os pregadores toda vez que a Bíblia é explicada.<sup>6</sup> No entanto, não se pode negar o caráter crucial e essencial desse empreendimento; é pela instrução da Escritura, por meio de sua “perseverança e incentivo” que os cristãos encontram esperança (Rm 15.4). A principal dificuldade do problema hermenêutico é a transposição do *então* do texto para o *agora* do público; as palavras escritas numa época anterior têm de ser transpostas de alguma maneira através de uma linha divisória para uma época posterior. Aqueles que trabalham com homilética estão na vanguarda da operação que transpõe esse abismo. Esta obra busca facilitar essa solene tarefa.

A pregação é não apenas a interpretação de um texto bíblico revestido de autoridade, mas também a comunicação relevante da mensagem de Deus a pessoas reais, que vivem contextos reais, com uma necessidade real dessa mensagem. Desse modo, o texto que é revestido de autoridade deve ser estendido a uma práxis relevante, “para permitir que a verdade revelada de Deus flua das Escrituras para a vida de homens e mulheres de hoje”.<sup>7</sup> No século 16, William Tyndale pronunciou-se de modo eloquente sobre a necessidade da aplicação – esse “fluir” da Escritura para a vida das pessoas:

Ainda que um homem possuísse uma inestimável e preciosa joia e, no entanto, ignorasse o valor dela e não soubesse sua utilidade, ele não seria nem melhor nem mais valioso do que palha. Ainda que leiamos a Escritura e nunca conversemos muito sobre ela, e mesmo assim não conhecemos sua utilidade, e para que ela nos foi dada e não sabemos o que nela há para ser buscado, ela não nos traz ne-

5 Sandra M. Schneiders, “The Paschal imagination: Objectivity and subjectivity in New Testament interpretation”, *TS* 46 (1982): 65.

6 Stanley E. Porter, “Hermeneutics, biblical interpretation, and theology: Hunch, Holy Spirit, or hard work?” em I. Howard Marshall, *Beyond the Bible: Moving from Scripture to theology* (Grand Rapids: Baker, 2004), 121. “Quem quer que afirme que essa é uma tarefa fácil provavelmente está mentindo, ou faz um péssimo trabalho, ou tem tanta experiência que se esqueceu de que se trata de uma tarefa intelectual e espiritual” (*ibid.*).

7 John R. Stott, *Between two worlds: The art of preaching in the twentieth century* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 138.



## Introdução

nhum benefício. Portanto, não é suficiente apenas ler e conversar sobre ela, mas devemos também desejar que Deus, dia e noite, ao mesmo tempo, nos abra os olhos e nos faça entender e perceber a razão pela qual a Escritura nos foi dada, para podermos aplicar o remédio da Escritura, cada pessoa às suas próprias dores, a menos que então queiramos ser contestadores ociosos e pessoas que brigam a respeito de palavras fúteis, constantemente mordendo a casca exterior amarga e nunca alcançando o doce miolo interior.<sup>8</sup>

Se, então, “a principal arte do pregador é levar o tema para o interior dos seus ouvintes”, como então essa arte deve ser empreendida?<sup>9</sup> Os esforços dos pregadores para interpretar a Escritura visando à aplicação inserem-se essencialmente em duas amplas categorias: sistematização e atomização.<sup>10</sup>

### Sistematização e atomização

Há a sistematização, pela qual tudo o que se busca fazer é uma tentativa de “espremer” uma dada perícopes<sup>11</sup> dentro de certo compartimento da teologia sistemática, organizando fatos e sistematizando detalhes. A cura do homem cego em Marcos 8 deve enquadrar-se na onipotência de Deus/Jesus (Teologia propriamente dita). A história do (não) sacrifício de Isaque por Abraão deve acomodar-se à expiação substitutiva (Soteriologia) e, talvez, ao amor de Deus no sentido em que “ele deu seu filho unigênito”. A passagem de 2Samuel 11–12 (a história de Davi e Bate-Seba) deve lembrar-nos da depravação da humanidade (Hamartiologia) e do Rei messiânico perfeito (Cristologia). O Apocalipse e os livros proféticos conduzem-nos para o fim dos tempos, para o Segundo Advento e para o julgamento final por Deus (Escatologia). E assim por diante. Há um componente de recepção *a priori* de tudo isso, uma vez que os sistemas da Teologia já nos informam sobre como e o que devemos ouvir; assim sendo, a tarefa da interpretação torna-se meramente um exercício para a descoberta do lugar onde uma dada passagem da Escritura se encaixa nesse sistema bem organizado. Essa sistematização é essencialmente uma generalização levada muito além da *terra*

8 William Tyndale, “A prologue by William Tyndale shewing the use of Scripture, which he wrote before the five books of Moses”, em *The works of the English reformers* (3 vol.; org. Thomas Russell; Londres: Ebenezer Palmer, 1828-1831), 1:6.

9 John Claude, *An essay on the composition of a sermon* (3ª ed.; 2 vol.; trad. de Robert Robinson; Londres: T. Scollick, 1782-1788), 2: 325 n.1.

10 Essa classificação generalizada é necessariamente artificial, criada por causa da sua força ilustrativa; indubitavelmente, os dois polos são extremos. Na realidade, é duvidoso que algum pregador pertença a uma ou a outra; há, no entanto, tendências em ambas as direções.

11 Embora admitamos a conotação mais comum de uma porção dos Evangelhos, “perícopes” é aqui empregada para designar um segmento da Escritura, independentemente de gênero ou extensão, que constitui a base textual de um sermão individual.



## O texto primeiro

*firma* do texto; a especificidade dos textos é perdida em favor das generalidades de axiomas sistematizados.

Essa classificação de tudo o que uma perícopes diz dentro de categorias da Teologia Sistemática reduz as particularidades do texto a máximas doutrinárias e truísmos.<sup>12</sup> Gêneros inteiros e perícopes individuais da Escritura simplesmente tornam-se veículos para declarações de Teologia Sistemática. No que se refere aos pregadores, se o sentido específico de um texto é somente um elemento de Teologia Sistemática, o que farão com um grupo de perícopes adjacentes, cada uma das quais apontando para o mesmo elemento de Teologia Sistemática? Por exemplo, Jesus cura não somente um, mas dois homens cegos em Marcos – em Marcos 8.22-26 (embora em duas etapas) e em Marcos 10.46-52. Ambas as curas refletem a mesma categoria da Teologia Sistemática, a onipotência de Deus/Jesus sobre todo o aparato óptico e sobre o córtex occipital – nervos, vasos, tecidos, células e tudo mais? Ou há algo mais que está sendo transmitido, que é específico da perícopes em questão? Estou convencido de que há. Os autores estão *fazendo* algo com o que eles estão *dizendo*. Em outras palavras, sim, em Marcos 10, Marcos está *fazendo* algo diferente do que está *fazendo* em Marcos 8.<sup>13</sup>

E também há a atomização. Esse é muitas vezes o refúgio daqueles que foram gradualmente além da sistematização e reconhecem que simplesmente enquadrar uma perícopes dentro do seu correto segmento de um tratado de Teologia Sistemática deixa muito a desejar quando se trata de aplicar os pormenores dessa perícopes à vida real. Portanto, os que preferem a atomização reagem contra as deficiências da sistematização e empenham-se por fazer a aplicação surgir de cada deleitosa porção do material textual. Uma exegese estilo espingarda, que caça cada coelho em cada toca, é complementada por uma homilética que é igualmente do tipo espingarda – atomização. Nenhum bocado deixa de ser mordido. Cada naco tem aplicação, seja a fuga de Paulo na escuridão da noite (“devemos ser prudentes como Paulo, evitando nossos adversários”; At 9.25), ou sua ação de juntar gravetos na ilha de Malta (“devemos ser humildes como Paulo, dispostos a nos envolver em tarefas servis, como criados” – um conveniente des-caso da serpente, escondida no meio da lenha; At 28.1-5), ou as pedras que Davi apanhou para sua luta com Golias (“devemos ser como pedras, pacientemente amaciadas pelas águas do tempo de Deus, até que ele nos use”; 1Sm 17.40), etc. Segue-se um verdadeiro vale-tudo, com o esquadrihar da Escritura buscando o que são aparentemente pepitas de sabedoria prática. Assim, embora os detalhes

12 Mais uma vez, falo da perspectiva de um pregador. Embora haja, obviamente, uma função específica para a teologia sistemática na vida da igreja, afirmo honestamente que o púlpito não é o lugar - pelo menos não de modo regular - para fazer uso de perícopes bíblicas em palestras semanais sobre teologia sistemática (esse tema será tratado no capítulo 2)

13 Veja essa abordagem aplicada a todas as perícopes de Marcos, incluindo Marcos 8 e 10 em Abraham Kuruvilla, *Mark: A theological commentary for preachers* (Eugene, Oreg.: Cascade, 2012).



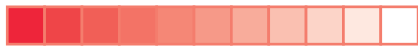
## Introdução

---

do texto sejam respeitados em certo sentido, pouca consideração é dada ao sentido do texto e ao que seu autor quis dizer. O que o autor estava *fazendo* com o que ele estava dizendo (veja o capítulo 1) está longe da mente do intérprete; em vez disso, a busca deve ser por alguma porção textual aplicável, que possa ser facilmente traduzida para a situação do público. Essa falta de atenção à intenção do autor tanto por parte dos que sistematizam como por parte dos que atomizam é, na melhor das hipóteses, negligência complacente e, na pior, má interpretação condenável.

Sou a favor da sistematização no sentido de que certo grau de generalização é necessário para que as particularidades da pericope não paralise o esforço de recontextualizar seu sentido para um público distante no tempo e no espaço. Por exemplo, o antigo “vinho” em “não vos embriagueis com vinho” (Ef 5.18) deve ser generalizado para “álcool” para se evitar intoxicação com a atual vodca ou uísque (sobre isso, veja o capítulo 1). Igualmente importante é o papel da Teologia Sistematizada na constituição de uma regra de fé para a interpretação da Escritura; essa regra estabelece os limites interpretativos que não podem ser ultrapassados. Por exemplo, o “anjo de Yahweh” em certas passagens da Escritura não pode ser interpretado como a *quarta* Pessoa da divindade – a Teologia Sistemática (a regra de fé) exclui esse tipo de inferência (veja as Regras de interpretação no capítulo 1, que assumem essa função sistemática de guardião). Também concordo com a ideia da atomização de que se *deve* fazer aplicação em todo sermão: as vidas *devem* transformar-se em resposta a cada pericope da Escritura, a cada semana. No entanto, nem a sistematização nem a atomização cuidam da trajetória do texto particular que está em consideração (o que o autor está *fazendo* com o que ele está dizendo). Por um lado, há o erro de generalizar excessivamente e, desse modo, negligenciar as especificidades do texto; por outro, o erro de vasculhar a Bíblia aleatoriamente para encontrar uma sucata que se aproveite. Ambos os procedimentos mostram descaso pelo que o autor está *fazendo* com o que está dizendo, e ambos deixam os pregadores – sem falar no público – com a impressão de que falta algo. Thomas Long descreveu com muita clareza os sintomas dessa enfermidade:

Pregadores atentos têm percebido há algum tempo que há um pouco de burla, um toque de trapaça incorporado ao clássico processo do texto-ao-sermão. O pregador toma o texto e o submete a um bom processo exegético. Analisa a gramática do texto, procede a estudos do vocabulário, estabelece a provável *Sitz im Leben*, e assim por diante. Vira-se a maçaneta, giram-se as rodas, engata-se a marcha e no final detona-se uma versão razoavelmente segura do que o texto significou no seu contexto histórico ou, falando sem rodeios, o que o texto queria dizer [...] Ora, e daí? A exegese informou que Paulo respondeu de tal e tal maneira à pergunta em Corinto sobre a carne oferecida a ídolos, uma pergunta que nunca



## O texto primeiro

ocorreria em um milhão de anos a alguém de Kingsport, do Tennessee ou de Fresno, Califórnia. E daí? [...] Foi dito ao pregador que agora ele deve transpor a lacuna entre a história do texto e a necessidade da situação contemporânea. Isso lhe é apresentado como o próximo passo óbvio, como uma criança pulando uma poça, mas o pregador honesto sabe que a distância entre o que o texto significava e o que o texto pode significar hoje assemelha-se a um amplo bocejo, e o salto parece realmente difícil.<sup>14</sup>

Qual é a cura? O que pode servir de remédio para esse apuro do pregador? Esta obra propõe uma *via media* entre os dois extremos da sistematização da atomização – uma hermenêutica teológica para realizar a passagem do texto para a aplicação, que, esperamos, tornará o “salto” do pregador consideravelmente mais fácil e mostrará ser um bálsamo para essa desolação.

## Hermenêutica teológica

Não há dúvida de que a “interpretação teológica da Escritura” está se revitalizando. Há um *Dictionary for the theological interpretation of the Bible* (Dicionário para a interpretação teológica da Bíblia), bem como diversas obras com expressões semelhantes em seus títulos, incluindo todo um conjunto de livros da Baker, sob o título de série “Studies in theological interpretation” (“Estudos sobre interpretação teológica”), para não mencionar um *Journal of theological interpretation*, e edições inteiras do *International journal of systematic theology* do *Southern Baptist journal of theology* dedicadas ao assunto.<sup>15</sup>

14 Thomas G. Long, “The use of Scripture in contemporary preaching”, *Int* 44 (1990): 344.

15 Entre as produções prolíficas estão: Francis Watson, *Text, church and world: Biblical interpretation in theological perspective* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994); Stephen E. Fowl, *Engaging Scripture: A model for theological interpretation* (Oxford: Blackwell, 1998); A. K. M. Adam, Stephen E. Fowl, Kevin J. Vanhoozer e Francis Watson, *Reading Scripture with the church: Toward a hermeneutic for theological interpretation* (Grand Rapids: Baker, 2006); D. Christopher Spinks, *The Bible and the crisis of meaning: Debates on theological interpretation of Scripture* (Londres: T. & T. Clark, 2007); Daniel J. Treier, *Introducing theological interpretation of Scripture: Recovering a Christian practice* (Grand Rapids: Baker, 2008); Stephen E. Fowl, *Theological interpretation of Scripture* (Eugene, Oreg.: Cascade, 2009); J. Todd Billings, *The Word of God for the people of God: An entryway to the theological interpretation of Scripture* (Grand Rapids: Eerdmans, 2010); etc. Quanto a periódicos de edição especial, veja *IJST* 12 (2010) e *SBJT* 14 (2010). Além dessas, há obras que empregam a denominação “hermenêutica teológica”: Werner Jeanrond, *Theological hermeneutics: Development and significance* (Londres, SCM, 1994); Jens Zimmermann, *Recovering theological hermeneutics: An incarnational-trinitarian theory of interpretation* (Grand Rapids: Baker, 2004); Mark Alan Bowald, *Rendering the Word in theological hermeneutics: Mapping divine and human agency* (Aldershot, U.K.: Ashgate, 2007); Alexander S. Jensen, *Theological hermeneutics* (Londres: SCM, 2007); etc. É, como admite Fowl, “um grupo grande e um tanto caótico” (*Theological interpretation of Scripture*, x).

## Introdução

Como um campo nascente (ou, pelo menos, como um *rótulo* nascente), a “interpretação teológica da Escritura” permanece totalmente indefinida, com grande número de diferentes abordagens a esse processo crucial de hermenêutica. Este livro, no entanto, adota uma abordagem original à hermenêutica teológica. O ponto de observação de toda essa matéria é o púlpito, por assim dizer, e não a escrivaninha de um doutor em Bíblia ou a estante de livros de um teólogo sistemático. Em outras palavras, a “teologia” dessa hermenêutica *teológica* não é teologia bíblica ou sistemática. Em vez disso, mantendo o foco na pregação, a teologia empregada é a da perícopes (veja o capítulo 2): o que o autor está *fazendo* com o que ele está *dizendo* na perícopes escolhida para o sermão. No texto da pregação, o que tem a intenção de mudar a vida dos ouvintes, para a glória de Deus? Lamentavelmente, esse foco na perícopes com o objetivo de gerar uma hermenêutica substancial da pregação encontra-se extremamente em falta. O mais patético nisso tudo é que em toda a história do cristianismo a importância da proclamação do sermão tem sido amplamente reconhecida: “Pregar a Palavra de Deus”, disse Tomás de Aquino, “é a mais nobre de todas as funções eclesiais”.<sup>16</sup> Não obstante o testemunho do Doutor Angélico não se tem proposto, até onde eu sei, uma hermenêutica teológica para a pregação. Esta obra é a primeira tentativa de preencher essa lacuna.

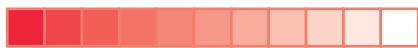
“Há duas coisas de que toda interpretação da Escritura depende: o modo de descobrir [*modus inveniendi*: hermenêutica] o que deve ser compreendido e o modo de apresentar [*modus proferendi*: retórica] o que foi entendido” (Agostinho, *Doctr. chr.* 1.1.1; 4.1.1). Na verdade, a obra de Agostinho, *De doctrina christiana*, segue este esquema: os livros 1–3 preocupam-se com o *modus inveniendi*; e o livro 4 com o *modus proferendi*.<sup>17</sup> Essa dualidade da hermenêutica e da retórica será fundamental para o restante desta obra. Essencial para qualquer trabalho de pregação é o respeito pelo texto antigo, bem como a relevância para o ouvinte de hoje. É necessário que se privilegie o texto, não por suas vantagens intrínsecas, mas para promover a santidade entre o povo de Deus. Lançando mão de Agostinho que apelou para Cícero, o qual examinou as profundezas da retórica antiga, Long sugere que os propósitos da pregação – ensinar, emocionar e mover – evocam os períodos da pregação norte-americana.<sup>18</sup> Até a década de 1970, ensinar ocupava lugar proeminente; depois, com o aparecimento de Craddock, Lowery, Buttrick, *et al.*, emocionar era o objetivo mais importante.<sup>19</sup> Eu gostaria de levar

16 *Liber contra impugnantes Dei cultum et religionem*, 2.6.

17 Tradução de James Andrews, “Why theological hermeneutics needs rhetoric: Augustine’s *De doctrina christiana*”, *IJST* 12 (2010): 185.

18 Thomas G. Long, *Preaching from memory to hope* (Louisville: Westminster John Knox, 2009), 1-5.

19 Os pregadores fariam bem em familiarizar-se – de maneira criteriosa – com a “nova homilética” como sustentada por Fred B. Craddock (*Preaching* [Nashville: Abingdom, 1985]; *As one without authority* [St. Louis, MO.: Chalice, 2001]), Eugene L. Lowry (*The homiletical plot: The sermon as narrative art form* [ed. rev.; Louisville: Westminster John Knox, 2001]) e David G. Buttrick (*Homiletic: moves and structures* [Filadélfia: Fortress, 1987]).



## O texto primeiro

avante a saga e sugerir que o que precisamos fazer agora (e sempre) – não desprezando o ensino e a comoção – é *mover* as pessoas a que transformem suas vidas para a glória de Deus com a Palavra de Deus. E assim, estou de pleno acordo com a definição de hermenêutica teológica dada por Moberly – “é a interpretação da Bíblia [...] com vistas a possibilitar a transformação dos homens segundo a imagem de Deus” (veja no capítulo 4 a discussão a respeito desse *imitatio Dei*).<sup>20</sup>

Além disso, esta obra irá preocupar-se com a exortação e o apelo de Webster: “A maneira mais eficaz de envolver-se com a interpretação teológica da Escritura é praticá-la. [...] Não precisamos de mais introdução à exegese. Precisamos de mais exegese”.<sup>21</sup> Do mesmo modo, Moberly reconhece “certo desconforto com as proporções relativas de prática e teoria em parte da literatura. A tendência é haver mais debate sobre a natureza da interpretação teológica e da hermenêutica teológica do que uma demonstração de interpretações significativas e persuasivas do texto bíblico”. Vou levar a sério a crítica de Webster e tentar não agravar ainda mais a inquietação de Moberly, ou ajudar a respaldar a confissão irônica de Frei a respeito de sua própria obra: “este ensaio enquadra-se na classificação quase lendária da análise das análises da Bíblia, nas quais nem um único texto é examinado, nem uma única exegese é realizada”.<sup>22</sup> Desse modo, a maioria dos capítulos deste livro trará uma rigorosa exegese de textos da Escritura para demonstrar a hermenêutica teológica aqui sustentada, “produzindo uma interpretação coerente e profunda dos textos como a Sagrada Escritura tanto da igreja como da sinagoga”.<sup>23</sup>

## Resumo dos capítulos<sup>24</sup>

### Capítulo 1

O capítulo 1 trata de uma faceta crucial da hermenêutica *geral* que torna um texto capaz de exercer influência no futuro. A atividade pragmática da

- 20 R. W. L. Moberly, “What is theological interpretation of Scripture?” *JTI* 3 (2009): 163. Ou, como afirma Volf, “no cerne de toda boa teologia encontra-se não apenas uma visão intelectual plausível, mas num grau de importância maior, uma descrição inadiável de um modo de vida” (*Captive to the Word of God: Engaging the Scriptures for contemporary theological reflection* [Grand Rapids: Eerdmans, 2010], 43).
- 21 John Webster, “Editorial”, *IJST* 12 (2010): 16-17.
- 22 Moberly, “What is theological interpretation of Scripture?” 169; e Hans W. Frei, no prefácio de sua obra *The eclipse of biblical narrative: A study in eighteenth and nineteenth century hermeneutics* (New Haven: Yale University Press, 1974), vii.
- 23 Brevard Childs, *Isaiah* (OTL; Louisville: Westminster John Knox, 2001), xi. Ver em Kuruville, *Mark: A theological commentary for preachers*, um exercício de exegese mais sistemático, demonstrando como essa hermenêutica teológica é empregada na interpretação de perícopes sequenciais de um único livro da Bíblia para a pregação.
- 24 Partes dos capítulos 1 e 2 são essencialmente material reformulado da obra de Abraham Kuruville *Text to praxis: Hermeneutics and homiletics in dialogue* (LNTS 393; Londres: T. & T. Clark, 2009).





## Introdução

---

linguagem – o que os autores *fazem* com o que *dizem* – é particularmente importante para essa capacidade dos textos de impactar futuros leitores. O que os autores estão fazendo projeta *um mundo do texto* que carrega uma intenção que é trans-histórica, transcendendo as circunstâncias específicas do autor e da obra, ou seja, ao texto é dada uma orientação futura, possibilitando uma aplicação válida pelos leitores de regiões e épocas muito distantes daquelas do acontecimento registrado no material escrito. Os textos que funcionam dessa maneira têm sido corretamente considerados “clássicos”, com propriedades únicas: eles são perenes, tendo potencial para serem usados no futuro. São plurais, possibilitando uma ampla variedade de aplicações. E são prescritivos, possuindo uma qualidade normativa.

A Bíblia também é um clássico – perene, plural e prescritivo – embora de um tipo único, exigindo, por isso, além da hermenêutica geral, uma hermenêutica *especial* para ser aplicada quando se trata de interpretação *desse* texto único. A interpretação da Bíblia como discurso canônico e divino admite que uma hermenêutica especial deva prevalecer na interpretação desse livro especial – uma interpretação que o respeita como “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17). O capítulo 1 termina apresentando seis Regras de Interpretação próprias para o livro especial que é a Escritura, regras que têm sido amplamente empregadas pela igreja nos dois últimos milênios. Essas regras servem como guardiãs da interpretação bíblica, preservando os limites extremos que os intérpretes não podem ultrapassar se quiserem manter-se fiéis ao texto. Colocados esses limites, o pregador pode então interpretar o texto específico da pregação, a perícopes.

## Capítulo 2

A Bíblia é o instrumento de Deus para a transformação da vida para que o ser humano esteja em conformidade com o próprio caráter de Deus em Jesus Cristo, pelo poder do Espírito: “Sede santos, porque eu sou santo”.<sup>25</sup> Na tarefa homilética, a porção semanal de texto bíblico é a perícopes. Infelizmente, essa porção de texto não tem estado no radar dos estudiosos da Bíblia. No decorrer do milênio, a maneira como uma perícopes funciona teologicamente tem sido pouco analisada. O capítulo 2 investiga essa questão, apontando a instrumentalidade da perícopes na realização da renovação da aliança entre o Senhor divino e os servos humanos, ou seja, adequação do último à ordem divina do primeiro. O cânon como um todo projeta *um mundo do texto* perfeito, traçando os preceitos, as prioridades e as práticas do mundo divino ideal, e cada perícopes projeta um segmento desse mundo canônico. Esse segmento de mundo projetado – que eu defino como a *teologia da perícopes* – é o intermediário crucial na passagem do texto

---

25 Levítico 11.44,45; 19.2; 20.6; 21.8; 1Pedro 1.16.





## O texto primeiro

---

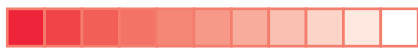
antigo para os ouvintes de hoje. Um estudo de caso exegético em 2Samuel 11–12 demonstra como a sua teologia da perícopes se origina. A pregação é, portanto, concebida como uma tarefa em duas etapas: do texto para a teologia e da teologia para a aplicação. Exemplos de como essas etapas são conduzidas, tanto na hermenêutica teológica como na hermenêutica legal (a interpretação e a aplicação de um “clássico” legal, a Constituição norte-americana), concluem o capítulo 2.

### Capítulo 3

A teologia da perícopes comporta intrinsecamente uma ordem divina – o chamado do povo de Deus para viver segundo os preceitos, as prioridades e as práticas que regem o mundo ideal de Deus. Isso dá origem à pergunta sobre como se deve interpretar o gênero específico da Escritura que explicitamente expressa as ordens divinas – a lei do Antigo Testamento. As perícopes desse gênero se aplicam aos cristãos de hoje? Um exame geral mostra que as abordagens reformadas, luteranas e dispensacionalistas, bem como a dos que propõem a Nova Perspectiva sobre Paulo (NPP), concordam que essa lei antiga *não* é aplicável, com exceção talvez das facetas “morais” da mesma. Esta obra, em vez de criar categorias dentro da lei, da moral ou fora delas, propõe que *todas* as ordens de Deus são aplicáveis para todos os homens em todos os lugares e em todas as épocas – *teologicamente* aplicáveis. O capítulo 3 utiliza a teologia da perícopes para demonstrar como isso funciona na prática: essenciais para a teologia das perícopes legais são os fundamentos lógicos dessas leis, e são esses fundamentos que são obrigatórios para o povo de Deus. Essa obediência à ordem divina não tem propósito salvífico. Em vez disso, é um dever filial. Em outras palavras, a relação entre Deus e o homem precede (e não elimina) a responsabilidade do homem para com Deus – “a obediência por fé”. Primeiro o relacionamento; depois a responsabilidade. Essa hermenêutica teológica da lei bíblica (e da ordem divina em todos os outros gêneros) considera que o papel das perícopes é exortar os filhos de Deus a cumprirem seu dever de ser santo como Deus é santo. Se é esse o caso, se a pessoa deve respeitar o sentido específico de uma perícopes específica que está sendo pregada, como se recomenda nessa hermenêutica, como se pode ver Cristo nos textos do Antigo Testamento? Esse sentido específico de uma perícopes do Antigo Testamento não impediria uma interpretação cristológica do Antigo Testamento?

### Capítulo 4

O capítulo 4 começa com a análise do *Akedah* (Gn 22), um texto tradicionalmente usado para pregação e interpretação cristocêntrica. O exame dessa perícopes serve como um paradigma de como a hermenêutica teológica aqui apresentada pode ser colocada em uso e como a teologia da perícopes funciona. Resumindo, a hermenêutica da interpretação cristocêntrica é considerada



## Introdução

---

insatisfatória: como alternativa, propõe-se uma hermenêutica mais sólida, que respeita o valor da obediência filial a Deus, à maneira de Abraão, e considera, bem como incentiva, essa obediência (recompensas/bênção divina). Esse capítulo e esta obra concluem com a proposta de um novo modelo de interpretação cristológica da Escritura: a interpretação *cristoicônica*, que vê cada perícopo da Escritura como retrato de uma faceta da imagem canônica de Cristo. O propósito de Deus para seus filhos é que eles se conformem a essa imagem (εἰκῶν *eikōn*) do seu Filho (Rm 8.29). À medida que as perícopes são sequencialmente pregadas e a teologia de cada uma é aplicada, o povo de Deus vai sendo gradativamente moldado à imagem de Cristo, uma transformação que obviamente será consumada apenas no final dos tempos. É, portanto, uma hermenêutica teológica *trinitariana* para a pregação: o texto inspirado pelo Deus Espírito, que retrata Deus Filho, vai se tornar então vida no povo de Deus, e desse modo a vontade de Deus Pai se cumprirá – o reino de Deus estabelecido e seu nome glorificado.

No século 14, Robert de Basevorn declarou que “pregar é persuadir a multidão [...] a uma conduta digna”.<sup>26</sup> Esse é o verdadeiro objetivo da pregação: conduta digna do povo de Deus – ou, como propõe esta obra, o alinhamento das pessoas à ordem divina expressa na perícopo pregada, ou seja, a habitação delas no *mundo do texto*, o mundo ideal de Deus, pela adoção dos seus preceitos, prioridades e práticas. Esse mundo, em certo sentido, é a imagem (εἰκῶν) canônica de Cristo, com cada perícopo do cânon iluminando parte do “cristoícone”. E assim, viver no mundo do texto e conduzir-se pelos seus preceitos, prioridades e práticas é ser mais semelhante a Cristo. Portanto, a hermenêutica teológica proposta nesta obra (um modo *cristoicônico* de interpretação bíblica) tem como objetivo o ensino da conduta à semelhança de Cristo, pelo poder do Espírito e pela instrumentalidade da Escritura, de perícopo a perícopo, semana após semana. Do início ao fim, essa é a obra de Deus – a inspiração do texto, o registro da exigência, a imagem da perfeição, a capacitação para a obediência, a atribuição das recompensas – tudo para a glória de Deus. “A teologia é ensinada por Deus, ensina Deus, conduz a Deus” (“*Theologia a Deo docetur, Deum docet, ad Deum ducit*”, Tomás de Aquino, *Summa* 1.1.7).

---

26 Robert de Basevorn, *Forma praedicandi*, em Th.-M. Charland, *Artes Praedicandi: Contribution a L'histoire de La Rhétorique au Moyen Age* (Paris: Libr. Philosophique J. Vrin, 1936), 238.